

SHAH, Alpa (et. al.). 2018. *Ground Down by Growth: Tribe, Caste, Class and Inequality in Twenty-First Century India*. Londres: Pluto Press.

Lucas Mestrinelli

Doutorando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo

lucas.mestrinelli@gmail.com

O livro *Ground Down by Growth* (2018) foi escrito a partir dos trabalhos desenvolvidos no âmbito “Programme of Research on Inequality and Poverty”, do Departamento de Antropologia da “London School of Economics”. Em termos gerais, os dados etnográficos coletados em cinco regiões da Índia indicam que, a despeito do grande crescimento econômico das duas últimas décadas, as desigualdades sociais perduram e se ampliam. Assim, ao contrário da narrativa desenvolvimentista e do modelo de “crescimento inclusivo” adotados pelo governo indiano, os autores argumentam que o crescimento econômico não reduziu a marginalização de grupos Dalits e Adivasis.¹ Esses dois grupos são centrais às etnografias apresentadas, e é principalmente em torno deles que os trabalhos foram escritos e as relações entre classe e identidade/etnicidade foram pensadas. Os cinco autores que realizaram as etnografias do livro já haviam realizado pesquisas na Índia, e a escolha das cinco regiões estudadas está relacionada a essa experiência prévia (importante mencionar que essas regiões estão entre as que apresentam os melhores índices de desenvolvimento humano da Índia, como K.P.Kannan afirma no segundo capítulo). Alpa Shah e Jens Lerche coordenaram o programa de

1 Os termos “Dalits” e “Adivasis” são descritos pelos autores como termos populares que correspondem à denominação oficial de “Scheduled Caste” e “Scheduled Tribe”, respectivamente. Os Dalits são os grupos que, durante o período colonial, eram denominados “intocáveis”, termo com fortes conotações pejorativas. Os Adivasis são grupos conhecidos como “tribais”, que estão fora do sistema de castas, e que habitam, majoritariamente, regiões florestais.

pesquisa, mas suas etnografias não estão publicadas neste volume.

Um aspecto que merece ser destacado é a dimensão comparativa da obra, que foi apresentada desde a concepção do projeto de trabalho conjunto, permitindo que os contextos estejam relacionados no próprio processo de escrita dos capítulos, e não apenas no capítulos introdutório e de conclusão. Para o leitor brasileiro, o livro ainda apresenta uma breve discussão em torno de diferentes políticas públicas de combate à pobreza adotadas em diversas regiões do mundo, como o *Bolsa Família* no Brasil. Assim, *Ground Down by Growth* (2018) levanta uma série de questões importantíssimas para a compreensão das dinâmicas globais das políticas de desenvolvimento, e também destaca a contribuição primordial que a etnografia ocupa no trabalho intelectual de contestação das narrativas neo-liberais. Tendo em vista este projeto, o livro busca ampliar o diálogo entre economistas e antropólogos, para pensar qualitativamente a relação entre pobreza, desigualdade e discriminação social. A etnografia ocupa aqui o importante papel de apresentar o caráter relacional da pobreza (ou seja, mesmo com um incremento da renda, o aprofundamento de desigualdades sociais torna os grupos marginalizados relativamente mais pobres), uma característica que não pode ser compreendida apenas pelos dados estatísticos analisados pelos chamados “estudos da disparidade”.

Além do *Prefácio*, onde essas questões mais gerais são apresentadas, Alpa Shah e Jens Lerche assinam também o primeiro capítulo do livro. Em “Tribe, Caste and Class - New Mechanisms of Exploitation and Oppression” os autores defendem que a globalização, ao contrário da suposta afirmação de que enfraqueceria as relações identitárias, tem justamente as fortalecido, com a finalidade de fortalecer seus mecanismos de opressão. Esse aspecto mais geral é trabalhado no segundo capítulo do livro, “Macro-Economic Aspects of Inequality and Poverty in India”, onde o economista indiano K.P. Kannan apresenta uma análise bastante atenta aos dados estatísticos macro-econômicos da Índia das últimas décadas. Sua intenção é compreender os padrões que subjazem os estudos etnográficos que compõem os capítulos do livro, apresentando algumas das principais questões que serão discutidas ao longo da obra. Os dados indicam um alto grau de informalização do trabalho na Índia (92% dos trabalhadores indianos estão no trabalho informal), que por sua vez se correlaciona aos dados referentes à pobreza (79% dos trabalhadores informais estão abaixo da linha da pobreza). A partir destes dados, Kannan questiona a eficiência da chamada “teoria do gotejamento”: a ideia de que o crescimento econômico levaria a um progressivo aumento da renda da população mais pobre, que seria típica das políticas neoliberais. O autor demonstra que a redução da pobreza na Índia não pode ser diretamente associada às políticas de incentivo ao crescimento econômico. Ainda, a redução modesta

da pobreza não teve efeitos na redução da desigualdade, que cresceu, e Kannan mostra que a pobreza deve ser compreendida em sua multidimensionalidade, e que o aspecto mais relevante neste quadro é o das diferenças entre grupos sociais (região e gênero, apesar de serem importantes, são considerados secundários pelo autor - perspectiva que também é endossada por Alpa Shah e Jens Lerche). É partindo da importância do aspecto social que o autor defende a relevância das pesquisas etnográficas, que podem compreender justamente os mecanismos de reprodução de desigualdades identificadas pela pesquisa macroeconômica.

Jayaseelan Raj realizou pesquisa nas plantações de chá do Kerala, e também acompanhou os trabalhadores Dalits de volta para o estado de Tamil Nadu, com a intenção de compreender as condições de trabalho em suas regiões de origem. Ainda, acompanhou uma greve de trabalhadoras em 2015. No capítulo, o autor mostra de que maneira a crise na economia do chá, na década de 1990, levou ao desmantelamento de conquistas trabalhistas anteriores, como previsto pelo “Plantations Labour Act” de 1951. Os trabalhadores (Dalits e Adivasis) passaram a ser, em sua maioria, migrantes temporários sujeitos a condições de trabalho e remuneração muito precárias. Os trabalhadores que historicamente trabalhavam na colheita e processamento do chá, por sua vez, tiveram que buscar trabalho em outras regiões da Índia. Essa vulnerabilidade seria agravada, segundo Jayaseelan Raj, pelo fato de que a economia indiana tem utilizado as noções de etnicidade, casta e região para dividir os trabalhadores. O autor aponta para a importância de se distinguir entre mobilidades social e econômica, visto que muitos Dalits que saíram de Kerala para trabalhar em outras regiões da Índia passaram a receber salários maiores, mas continuaram sendo vítimas de preconceitos de casta (na maioria das vezes, fora de Kerala eles foram vítimas de discriminação explícita de casta). Jayaseelan Raj traz no capítulo um breve histórico sobre os trabalhadores de Tamil Nadu nas plantações de chá de Kerala, acompanhado de um estudo das reformas neoliberais e seu impacto nas condições de trabalho nesse setor. Para concluir o capítulo, o autor argumenta que mesmo os sindicatos não foram capazes de fazer frente às reformas neoliberais (a maioria dos líderes sindicais não são Dalits), e que a greve de mulheres em 2015, na cidade de Munnar, foi o melhor exemplo de conquista das trabalhadoras.

Brendan Donegan escreveu sua etnografia a partir da “Chemical Industrial Estate”, na vila de Melpuram (pseudônimo) em Tamil Nadu. O quadro geral do processo econômico em questão é o do estabelecimento de parques industriais em regiões agrárias da Índia. Neste processo, a industrialização da região tem levado a um processo de migração de trabalhadores para a vila, e não para fora dela. A pesquisa tem como foco a comunidade

Paraiyar (Dalit) e um grupo Irula (Adivasi). Segundo Donegan, a acumulação capitalista neste processo se deu por um conjunto de fatores configurados pela casta. Segundo demonstra sua etnografia, a casta dominante na economia agrária operou como mediadora do processo de desenvolvimento do capital industrial contribuiu para que as relações de casta continuassem a ser um elemento estrutural de grande importância. O Tamil Nadu é considerado um exemplo de “desenvolvimento humano” na Índia, e a autora sugere que uma disputa por apoio popular entre dois partidos seria uma das razões para essa maior atenção às causas sociais.

A etnografia de Dalel Bendabaali, realizada na região de Bhadrachalan, no estado de Telangana, descreve o processo de marginalização de Adivasis e Dalits, e de sua progressiva alienação em relação ao uso da terra. O capítulo está centrado em dois eventos que mudaram profundamente a vida na região, que são a chegada de agricultores da casta dominante Kamma, vindos do estado de Andhra Pradesh, em busca de terras para ampliarem sua agricultura comercial, e a ampliação de uma fábrica de papel da “Indian Tobacco Company”. O capítulo descreve as relações de poder entre os Kammas e os grupos Dalits (principalmente Madigas e Malas) e Adivasis (Koyas). Bendabaali discute, a partir de sua etnografia, o papel duplo desempenhado pelo estado em áreas florestais ocupadas por Adivasis, que age tanto pela proteção quanto pela predação das reservas florestais. Os Kammas são, nesta região, os grandes proprietários de terra, se beneficiando diretamente da presença da fábrica de papel, para qual vendem a madeira proveniente de suas plantações de eucalipto. O trabalho do corte de madeira é desempenhado pelos Adivasis Koyas.

Richard Axelby fez sua pesquisa entre dois grupos Adivasis, os Gaddi (hindus) e os Gujjar (muçulmanos), no distrito de Chamba em Himachal Pradesh. Através de sua etnografia, Axelby mostra que ambos os grupos, apesar de pertencerem a religiões distintas, estão muito próximos em termos de sua posição social, e se distanciam igualmente dos demais grupos não-Adivasis. O distrito de Chamba não possui um parque industrial relevante e, apesar de o estado de Himachal Pradesh ter um dos melhores índices de desenvolvimento humano da Índia, a dominação das castas dominantes dos Rajputs e Brâmanes ainda é marcante, e contrasta com o aparente sucesso das políticas econômicas neo-liberais implementadas na Índia. Tanto os Gujjar quanto os Gaddi são registrados como “Scheduled Tribes”, mas os Gaddi possuem um senso de pertencimento geográfico que falta aos muçulmanos Gujjars. Através dos exemplos de Prakaso (Gaddi) e Mussa (Gujjar) que fizeram a transição do pastoralismo para o trabalho temporário migratório, Axelby mostra de que maneira as ideias de nomadismo (*ghumantu*) e “identidade tribal”

(Adivasi) cumprem um papel importantíssimo na configuração da posição social e econômica desses grupos. Para isso, o autor faz uma descrição detalhada da relação dos Gaddis e Gujjars com a agricultura e a terra, e também de sua relação com o mercado de trabalho. O capítulo traz informações consistentes que apontam que, a despeito da melhora da qualidade de vida da maior parte dos habitantes do vale do Saal, a pobreza relativa continua persistente, seguindo a linha de divisão entre Adivasis e não-Adivasis. É na relação com o espaço que Axelby observa a negociação de categorias de pertencimento que são importantes na disputa por melhores oportunidades por ambos os grupos.

Vikramaditya Thakur fez sua pesquisa com os Bhils de “Narmada Valley”, estado de Maharashtra, e em planícies adjacentes. Das três vilas estudadas, Ambegaon está situada nas colinas de Satpura, e Mankheda e Anand Nagar estão nas planícies do distrito de Shahada, ao sul das colinas. A região das colinas foi afetada pela construção da barragem de Sardar Sarovar, no rio Narmada, e uma dessas vilas de planície - Anand Nagar - foi construída em 2004 para reassentamento dos Bhils que tiveram que deixar suas casas. Em Mankheda, os Bhils estão presentes há muitas gerações, e estão subordinados à casta dominante dos Gujjars, que vieram para a região no início do período colonial. Ao contrário de Anand Nagar, habitada apenas por Bhils, Mankheda é uma vila com mais de uma casta. Para Thakur, os Bhils que tiveram que ser realocados na planície conseguiram acesso à terra, e a luta contra a barragem fortaleceu um sentimento de unidade e engajamento político. Ao contrário, os Bhils da colina precisam se submeter a condições extremas de precariedade no trabalho temporário como migrantes em outras regiões da Índia. Essa situação também é observada entre os Bhils que vivem na vila dominada pelos Gujjars. Este capítulo é interessante na medida em que mesmo no interior de um mesmo grupo, os Bhils, as relações sociais e econômicas possuem grande diversidade. Thakur cita algumas transformações cruciais pelas quais a região passou desde o período colonial e, após um breve histórico, se dedica a compreender em pormenores a situação dos Bhils em cada uma das três vilas. O autor argumenta que em cada uma das vilas os Bhils foram integrados à economia capitalista de modos distintos, mas que em todas eles continuam sendo a base mais precária da economia. Ainda, aponta que a luta contra a barragem, apesar de terem sido derrotados, garantiu aos Bhils de Anand Nagar um sentido de mobilização política que pode indicar para conquistas futuras por melhores condições de vida.

Alpa Shah e Jens Lerche escrevem o capítulo de conclusão do livro, onde argumentam que as etnografias apresentadas endossam a avaliação de como as políticas de crescimento econômico através da liberalização da economia levaram à consolidação das desigualdades sociais e econômicas. Ainda, a questão do trabalho temporário de

migrantes, que apareceu em todas as regiões estudadas, evidencia uma estratégia de precarização do trabalho e divisão dos trabalhadores através das linhas de casta e origem. Para os autores, existe um obstáculo ideológico a ser superado: a crença de que o crescimento econômico pode dar uma resposta eficiente às demandas de combate à pobreza e à desigualdade. As propostas alternativas seriam a de taxação da riqueza e de políticas de bem-estar social. Contudo, segundo os autores, nenhuma destas propostas leva em consideração a discriminação baseada na casta ou “tribo”. Argumentam ainda que nem mesmo as políticas de cotas para Dalits e Adivasis tem mostrado força suficiente para alterar a estrutura de desigualdade. Mesmo a luta dos sindicatos não tendo atendido às demandas dos grupos menos favorecidos. O livro coloca a esperança nas lutas de base, que seriam as únicas que conseguiriam alcançar grupos que ficam à margem das políticas públicas.

Recebido em 18 de janeiro de 2019.

Aceito em 25 de junho de 2020.